

Ciranda, roda, vida

M. Imaculada A. Nascimento

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários / UFMG

RESUMO

Análise do conto “Ana Davenga”, de Conceição Evaristo, apontando questões relativas a preconceitos contra a mulher na sociedade brasileira, principalmente a mulher negra, sujeito de enunciação do conto, cuja dura realidade é apresentada de forma poética. O ponto de vista da análise baseia-se na concepção de Júlio Cortázar a respeito da escrita de um bom – ou um grande – conto.

PALAVRAS-CHAVE

Mulher, preconceito, amor

A ESTÓRIA

Ela se apaixonou. Foi morar numa favela com um sujeito marginalizado e marginal, que “tinha um coração de Deus, mas, invocado, era o próprio diabo”. Ana Davenga não vivia entre flores, era preciso cuidado, apesar de ser respeitada como a mulher do líder. Seu barraco era uma espécie de quartel-general e ela tinha que ser cega, surda e muda no que se referia a assuntos ali tratados. Bonita, sensual, porém mulher do “chefe”, os homens haviam aprendido a olhá-la, “buscando não perceber a vida e as delícias que explodiam por todo o seu corpo”.¹ Sua história não é original: antes dela, houve muitas. E ainda há. E haverá.

¹ EVARISTO. *Cadernos negros: os melhores contos*, p. 31.

O RONROM DO TEAR

Na trama, três importantes elementos se entrelaçam: mulher a tecer o amor, mulher a fazer o amor, mulher a esperar de seu homem o amor. Evaristo tece, com muita habilidade, um fino tecido. Em Roland Barthes vamos encontrar um dos fios condutores de sua trama:

Historicamente, o discurso da ausência é sustentado pela Mulher: a Mulher é sedentária, o Homem é caçador, viajante, a mulher é fiel (ela espera), o homem é conquistador (navega e aborda). É a mulher que dá forma à ausência: ela tece e ela canta; as tecelãs, as “chansons de toile” e dizem ao mesmo tempo a imobilidade (pelo ronrom do tear) e a ausência (ao longe, ritmos de viagem, vagas marinhas, cavalgadas).²

Barthes nos diz, nesse excerto de *Fragmentos de um discurso amoroso*, sobre a paciência feminina no amor: a mulher é aquela que dá forma à ausência. Ana Davenga assim procedia. Esperava, na ausência.

Em “Alguns aspectos do conto”, de Júlio Cortázar,³ pode-se encontrar o segundo fio condutor da trama. Cortázar fala de duas etapas principais a serem consideradas na construção de um conto. A primeira diz respeito à escolha do tema: deve ser significativo, ter algo de forte, de fascinante ou de irresistível, deve envolver o leitor. Ao iniciar sua escrita, o autor deverá fazê-lo de tal forma que uma espécie de “ponte” se construa com o leitor desde a primeira frase, não permitindo que ele se desinteresse, sentindo-se, ao contrário, preso ao clima. É preciso escrever de modo tão apaixonante que o leitor se “ausente” de sua realidade, assistindo ao desenrolar das cenas e, ao final, a ela retornando como uma pessoa renovada que aprendeu ou vivenciou uma nova experiência.

Para Cortázar,⁴ um grande conto deve ser sentido “qual um tremor de água dentro de um cristal”, o que seria algo como o rápido movimento da água – fugaz – e ao mesmo tempo um movimento permanente que faz parte da “essência” da água. Cortázar inclui a importância da imagem, característica dos grandes contos, que faz deles uma “síntese viva e ao mesmo tempo sintetizada”.⁵ Compara também o conto à fotografia, em que todo um tempo longo ou toda uma

² BARTHES. *Fragmentos de um discurso amoroso*, p. 27-28.

³ CORTAZAR: *Alguns aspectos do conto*, p.147.

⁴ CORTAZAR: *Alguns aspectos do conto*, p.150-151.

⁵ CORTAZAR. *Alguns aspectos do conto*, p.150.

história pode ser resumida num instante. Uma foto é um instante vivo, presa de uma imagem significativa de um tempo histórico. A ela deve se assemelhar o conto. O fotógrafo e o contista devem ter esta característica: prender o expectador/leitor em um momento, um lapso de um tempo que, na realidade, foi mais longo.

Ao analisar o conto de Conceição Evaristo intitulado “Ana Davenga”, pode-se observar a ideia de um ótimo conto no sentido estabelecido por Cortazar, a partir do título, que já nos chama a atenção pela expressividade do nome, que soa forte, consistente, interessante, sem nem mesmo sabermos definir “Ana Davenga”. A partir do seu nome, um som, uma ressonância e sua espera constante pelo amado, também o ritmo cadenciado do tear que, como um coração, ressoa forte durante a narrativa, por meio de recursos linguísticos. Já no primeiro parágrafo, as frases são curtas, incisivas e transmitem a sensação de um coração batendo forte, em uma grande expectativa, a exemplo de:

As batidas na porta ecoaram como um prenúncio de samba. O coração de Ana Davenga naquela quase meia-noite, tão aflito, apaziguou um pouco. Tudo era paz então, uma relativa paz. Deu um saldo da cama e abriu a porta. Todos entraram, menos o seu. Os homens cercaram Ana Davenga. As mulheres ouvindo o movimento vindo do barraco de Ana foram também.⁶

A cada passo, cada sequência, espera-se que algo trágico seja informado na sequência seguinte. Já nesse primeiro parágrafo, somos tomados por um “não sei o quê” angustiante, reforçado pelo uso do vocábulo “prenúncio”, embora essa palavra não “pré-anuncie” sempre desgraças. A expectativa cresce em uma frase e diminui em outra, mantendo o leitor tenso como uma corda tão esticada que, ao ser tocada, mal treme: “Tudo era paz então, uma relativa paz.”⁷ Ao ler esse trecho, o leitor relaxa para, em seguida, ficar novamente tenso, pois Ana deu um salto da cama e todos entraram, menos o seu homem. A angústia é grande e não é preciso perguntar: “O seu?!” O espaço exíguo de tempo age como um elástico imaginário: esticado e bruscamente solto, ou como aquele movimento fugaz do tremor da água dentro de um cristal.

E assim vai, por todo o primeiro parágrafo, aumentando a tensão e a expectativa, que permanecem às vezes mais, outras vezes menos em todo o texto, porém sempre. O manejo do

⁶ EVARISTO. *Cadernos negros*: os melhores contos, p. 31.

⁷ EVARISTO. *Cadernos negros*: os melhores contos, p. 31.

tempo por meio da linguagem faz com que leiamos mais rápido ainda frases que já são bem curtas: “Tudo paz, na medida do possível.”⁸

O texto é limpo de detalhes. Não há descrição do ambiente, apenas curtas referências. Os personagens nos são apresentados, carregados de denúncias como exclusões sociais, o isolamento de determinadas classes, o ambiente das favelas, sua condição social, violência, cultura, vida em comunidade e outras mais. Ana Davenga traz-nos várias questões que permeiam a mulher em nossa sociedade:

- 1- Ter que se engajar, submetendo-se para não ser excluída: “Ela não sabia onde eles estavam na vida de Davenga. Teria de amá-los ou odiá-los.”⁹
- 2- Estar em segundo plano com relação aos homens, ser objetalizada: “Os companheiros de Davenga olhavam Ana com ciúme, cobiça e desconfiança.”¹⁰
- 3- Submeter-se à violência quanto ao direito e propriedade da mulher, cultura não só da favela: “(...) qualquer um que bulisse com ela haveria de morrer nas mãos dele sangrando feito porco capado.”¹¹
- 4- Aceitar a condição de moradora de favela: “(...) o barraco de Davenga”, onde Ana “era cega, surda e muda no que se referia a assuntos deles”.¹²

Em outra ocasião, uma amante de Davenga, uma moça de uma igreja protestante, muito cristã, filha de pastor, porém obcecada por sexo, foi por ele assassinada porque não quis morar em seu barraco na favela. Interessante observar também o nome da moça: Maria Agonia. Ele sentiu-se usado, numa situação inversa ao que em geral acontece em nossa sociedade (na qual é a mulher que se sente “usada”) e não pode suportar:

Um dia ele se encheu. Propôs que ela subisse o morro e ficasse com ele. Corresse com ele todos os perigos. Deixasse a Bíblia, deixasse tudo. Maria Agonia reagiu. Vê só, se ela, crente, filha de pastor, instruída, iria deixar tudo e morar com um marginal, com um bandido? Davenga se revoltou. Ah! Então era

⁸ EVARISTO. *Cadernos negros: os melhores contos*, p. 31.

⁹ EVARISTO. *Cadernos negros: os melhores contos*, p.32

¹⁰ EVARISTO. *Cadernos negros: os melhores contos*, p.32

¹¹ EVARISTO. *Cadernos negros: os melhores contos*, p.31

¹² EVARISTO. *Cadernos negros: os melhores contos*, p.31

isso? Só prazer? Só o gostoso? Só aquilo na cama? Saiu dali era novamente a Bíblia?

Dias depois, a seguinte manchete apareceu nos jornais: “Filha de pastor apareceu nua e toda perfurada de balas. Tinha ao lado do corpo uma Bíblia. A moça cultivava o hábito de visitar os presídios para levar a palavra de Deus.”¹³

Todo o texto traz denúncias, principalmente das condições desfavoráveis de existência nas favelas, a discriminação da mulher e a violência cotidiana decorrente também da falta de educação formal. A frieza mordaz e irônica das pessoas acostumadas à miséria que, “ou nada ou morre”, na voz de Davenga durante um assalto, após roubar tudo de um homem: “ – Não, doutor, a cueca não! Sua cueca não! Sei lá se o senhor tem alguma doença ou se tá com o cu sujo!”¹⁴

Por outro lado, é interessante observar a exaltação ou certo orgulho da personagem pela cor de sua própria pele e do seu companheiro: “Bonito o Davenga vestido com a pele que Deus lhe deu. Uma pele negra, esticada, lisinha, brilhosa.”¹⁵ Conhecedores que somos da nossa sociedade em relação à cor de pele negra, não é exagero dizer que a passagem escancara o preconceito.

Paradoxalmente, a mulher mostra também seu lado sonhador, revelando grande sensibilidade quando descreve, de maneira singular, a intimidade sexual, o modo de amar daquele homem cruel, durão e assassino:

Davenga, que era tão grande, tão forte, mas tão menino, tinha o prazer banhado em lágrimas. Chorava feito criança, soluçava, umedecia ela toda. Seu rosto, seu corpo ficavam unidos das lágrimas de Davenga. (...) Nada restava a fazer, a não ser enxugar o gozo-pranto de seu homem.¹⁶

Em sua condição de mulher, e mulher de assaltante, favelada, Ana não podia fazer escolhas: propõe-se apenas a amar aquele homem, como e quando ele quisesse ou pudesse, pois vivia escondendo-se da polícia. Apesar de muitos medos desenvolvidos a partir da sociedade preconceituosa, não tem medo do amor. Sua entrega era total, sabedora da condição desse amor, do qual já trazia um fruto na barriga: um filho que não sabia que futuro atribuir, ou se teria. A voz reflexiva da personagem questionava o futuro:

¹³ EVARISTO. *Cadernos negros*: os melhores contos, p. 39.

¹⁴ EVARISTO. *Cadernos negros*: os melhores contos, p. 35.

¹⁵ EVARISTO. *Cadernos negros*: os melhores contos, p. 3.

¹⁶ EVARISTO. *Cadernos negros*: os melhores contos, p. 33.

Distinguiu vozes pequenas e havia as crianças. Ana Davenga alisou a barriga. Lá dentro estava a sua, bem pequena, bem sonho ainda. (...) E o filho dela com Davenga, que caminho faria? Ah, isto pertence ao futuro. Só que o futuro ali chegava rápido. O tempo de crescer era breve. O de matar ou morrer chegava breve, também.¹⁷

E este homem, que era também capaz de gestos inesperados, fez à Ana uma surpresa, ajudado pelos amigos, uma festa de aniversário:

– Davenga, que festa é esta? Por que isto tudo?
– Mulher, tá pancada? Parece que bebe? Esqueceu da vida? Esqueceu de você?
Não, Ana Davenga não havia esquecido, mas também não sabia por que lembrar. Era a primeira vez na vida, uma festa de aniversário.¹⁸

Há, no momento curto da descrição da festa, uma trégua na angústia do leitor. Apenas uma trégua, não uma quebra, porque a autora mantém algo em suspense, com muita maestria, manejando o rumo dos acontecimentos:

Ana estava feliz. Só Davenga mesmo para fazer aquilo. E ela, tão viciada na dor, fizera dos momentos que antecederam a alegria maior um profundo sofrimento. Davenga está ali, na cama, vestido com aquela pele negra, brilhante, lisa, que Deus lhe dera. Ela também, nua. Era tão bom ficar se tocando primeiro.¹⁹

O clima, até a metade desse último parágrafo, continua como em todo o conto: sugestivo de um aumento constante da tensão sexual a cada frase, porém, esse é o momento mais crítico da narrativa:

Já estavam para explodir um no outro, quando a porta abriu violentamente e dois policiais entraram de arma em punho. Mandaram que Davenga vestisse rápido e não bancasse o engraçadinho, porque o barraco estava cercado. Outro policial do lado de fora empurrou a janela de madeira.²⁰

Ana leva a mão ao ventre como para proteger o filho: de fêmea no cio, transforma-se bruscamente em cadela protegendo seu osso. E isto, dito de uma forma tão bela pela narradora, que contrasta com a violência da cena: “pequena semente, quase sonho ainda.” É um momento tão bem caracterizado, tão delicado, assim como outros no conto, que podemos pensar, não numa

¹⁷ EVARISTO. *Cadernos negros*: os melhores contos, p. 39.

¹⁸ EVARISTO. *Cadernos negros*: os melhores contos, p. 34.

¹⁹ EVARISTO. *Cadernos negros*: os melhores contos, p. 40.

²⁰ EVARISTO. *Cadernos negros*: os melhores contos, p. 41.

escrita de mulher, porém, “escrita feminina”, pois carregada de romance, de poesia, que só uma alma feminina é capaz de escrever.

Para finalizar, a narradora faz mais uma denúncia: a violência e a arbitrariedade policial:

Davenga vestiu a calça lentamente. Ele sabia estar vencido. E agora, o que valia a vida? O que valia a morte? Ir para a prisão, nunca! A arma estava ali, debaixo da camisa que ele ia pegar agora. Poderia pegar as duas juntas. Sabia que este gesto significaria a morte. Se Ana sobrevivesse à guerra, quem sabe teria outro destino?²¹

Infelizmente, o final é trágico e a linguagem é tensa e não dá trégua:

Os noticiários depois lamentavam a morte de um dos policiais a serviço. Na favela, os companheiros choravam a morte do chefe e de Ana, que morrera ali na cama, metralhada, protegendo com as mãos um sonho de vida que ela trazia na barriga.²²

O último parágrafo, entretanto, é cheio de esperanças, apesar de tudo, esperança de vida, tudo ainda pode recomeçar, pois Ana Davenga morre

(...) ali na cama, metralhada, protegendo com as mãos um sonho de vida que ela trazia na barriga. Em uma garrafa de cerveja cheia de água, um botão de rosa, que Ana Davenga havia recebido de seu homem na festa primeira de seu aniversário, vinte e sete, se abria.²³

Proteger com as mãos um sonho de vida que ela trazia na barriga: “último anteparo ante o horror do Real”,²⁴ um “véu de beleza”, um feto, um filho, uma rosa – símbolo da beleza, mas também da fugacidade da vida. É preciso que essa porta permaneça aberta.

Para Cortázar, o conto é um gênero de difícil definição, gênero “tão secreto e dobrado sobre si mesmo, caracol da linguagem, irmão misterioso da poesia em outra dimensão do tempo literário”.²⁵ Talvez se possa dizer que “Ana Davenga” é uma prosa com ressonâncias poéticas, na qual a questão do ciclo da vida, da concepção, é envolvida por uma “aura” erótica pouco desenvolvida na maioria das obras escritas por mulheres.

²¹ EVARISTO. *Cadernos negros: os melhores contos*, p. 41.

²² EVARISTO. *Cadernos negros: os melhores contos*, p. 41.

²³ EVARISTO. *Cadernos negros: os melhores contos*, p. 41.

²⁴ Refiro-me aqui à elaboração lacaniana acerca da beleza na arte, desenvolvida em: LACAN. *Le séminaire. Livre VII. L'éthique de La psychanalyse*.

²⁵ CORTAZAR. *Alguns aspectos do conto*, p.161.

Uma arte consumada, na qual a autora, Conceição Evaristo, transita da experiência de vida das mulheres para o cultivo de um conto superior, lindíssimo em poesia. É o ronrom do seu tear que ouvimos. Pode-se percebê-lo através desta sua criação, a feminilidade e o erotismo de uma mulher – a personagem – que lutou para manter um amor que culminou em sua própria morte. Sua entrega, sua alma, seu corpo se fez puro instinto numa força quase selvagem que se enchia, por outro lado, de uma melancolia que prenunciava um fim trágico.

Sabe-se que a literatura é a força da representação (uma re-presença). Trazer uma presença para o campo da letra (que, por si só, é silêncio), é o trabalho da prosadora-poeta, que denuncia – com o caráter da oralidade – o cotidiano de uma mulher que se apaixona por um marginal. Em sua condição de mulher, também negra, a autora faz sua escolha, denunciando, assim, a arbitrária discriminação da sociedade vigente.

ABSTRACT

This work intends to analyze the short story “Ana Davenga”, written by Conceição Evaristo, pointing to some issues related to prejudices against women in Brazilian society. The structure is based on the reflections of Julio Cortazar’s writing about a good – or great – short story.

KEYWORDS

Women, prejudice, features

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. *Fragmentos de um discurso amoroso*. 8. ed. Trad. Hortênsia dos Santos. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1984.

CORTAZAR, Júlio. Alguns aspectos do conto. In: _____. *Valise de cronópio*. Trad. David Arrigucci Jr. E João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 1974, p. 147-163.

EVARISTO, Conceição. *Cadernos negros: os melhores contos*. São Paulo: Quilombhoje, 1998, p. 31-41.

LACAN, Jacques. *Le séminaire. Livre VII. L’ethique de La psychanalyse*. Paris: Seuil, 1986.